

RONDONIA UMA ILUSTRAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS DO PERÍODO COLONIAL AO SÉCULO XXI.

¹ Arnaldo Alves de Castro , ² Geylson Azevedo Freitas, ³ Célia Regina Viana do Vale, José Luis Gomes da Silvaⁿ.

¹ Aluno do programa de Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional/ UNITAU, arnaldo@saolucas.edu.br.

² Aluno do programa de Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional/ UNITAU, arnaldo@saolucas.edu.br.

³ Aluna do programa de Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional/ UNITAU, celiareginavv@hotmail.com.

UNITAU/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exped. Ernesto Pereira s/n, gomesdasilvaster@gmail.com

Resumo: : A presente pesquisa tem como o objetivo a compreensão interpretativa dos fatos econômicos e históricos que ocasionaram a necessidade de exploração das riquezas naturais do oeste amazônico. Pressionado pela revolução industrial, o país se vê obrigado, pelas grandes potências mundiais, a investir no processo de colonização do território amazônico, a demanda por látex, principal produto consumido pela indústria da época, e encontrado em abundância na floresta. Esse fato, e preponderante para a integração da amazônica no processo de exportação de matérias primas. Os ciclos migratórios se sucederam, ocasionados pela necessidade de mão-de-obra para sustentar a extração da borracha e de outros recursos naturais. Esses acontecimentos deram origem à criação do Território Federal do Guaporé e mais adiante sua emancipação ao estado de Rondônia. Essa pesquisa está centrada em análises bibliográficas fundamentada na descrição do enredo dos fatos econômicos que deram origem ao surgimento do estado e de seu desenvolvimento. Os acontecimentos históricos estão intrinsecamente atrelados a fatos econômicos significativos que caracterizam o perfil do crescimento econômico do estado, no século XXI. Esses acontecimentos estão ilustrados em demonstrativos de sua economia, por intermédio de alguns quadros ilustrativos do seu produto interno bruto consolidado, que trouxeram os componentes relevantes que desenvolveram a economia do estado.

Palavras-chave: Extração Borracha. Extração Mineral. Crescimento Econômico, Demonstrativo Produto Interno Bruto.

Área do Conhecimento: Ciências sociais aplicadas.

Introdução

Os relatos mais relevantes da colonização do oeste amazônico acontecem em 1752 quando Antônio Rolim de Moura fundou a capital Villa Bella, na capitania de Mato Grosso, mais tarde fundou-se o Forte Nossa Senhora da Conceição e a diante promoveu-se a colonização da região, em 1759, com a fundação do povoado de Nossa Senhora do Salto Grande no Rio Madeira, lugar esse conhecido atualmente como a cachoeira de Teotônio. Nesse momento, a preocupação do império era a ocupação territorial, voltada para a proteção da fronteira de forma a garantir o domínio territorial. A economia da época se limitava à exploração mineral e à comercialização ficava a cargo da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão (1756 - 1777).

Em meados do século XIX, movidos pela expansão do capitalismo, potências europeias mais os EUA e Japão, estavam à busca de matérias primas, principalmente o látex. O interesse internacional atingiu em cheio a Amazônia brasileira, os norte-americanos, por sua

vez, procuravam estabelecer o controle da navegação fluvial na bacia hidrográfica amazônica. Assim, sob pressão, em 1852, dos E.U.A e da Bolívia, o imperador Dom Pedro II concedeu ao Visconde de Mauá o monopólio da navegação dos rios da Amazônia. Em 1867, foi assinado o Tratado de Ayacucho, entre Brasil e Bolívia, que acertava definitivamente as questões territoriais e os limites da navegação pelos rios da Amazônia e concedia em definitivo ao Brasil a região do Alto Madeira, logo em 1874, a companhia Amazon Steam Navigation, de capital norte-americano monopolizava a navegação nos rios Madeira, Beni, Guaporé e Mamoré.

Impulsionados pela corrida imperialista, a economia no oeste amazônico se caracterizava pela exploração mineral e de matérias primas, dentre elas o látex. Nesse período correu o primeiro fluxo migratório para a região e a formação de vastos seringais dominados pelos seringalistas ou os coronéis da borracha. Os seringueiros eram, em sua grande maioria, nordestinos que vieram para Amazônia explorar a extração do látex. Com a formação dos primeiros

seringais, assim eram conhecidos os locais ou os barracões onde os mesmos realizavam o comércio de seus produtos, observam-se que nesse primeiro ciclo migratório, os imigrantes ocuparam oeste amazônico, onde se encontram os vales dos rios Juruá, Purús, Acre e Madeira. O Comércio desse primeiro ciclo tem seu apogeu de riqueza bastante expressivo nas cidades de Belém e Manaus, principais cidades amazônicas exportadoras do látex.

Um dos fatos marcantes desse período se dá quando do conflito entre Bolívia e Chile pelo canal de Antofagasta.

Conforme, Teixeira (2001, p. 137).

No final do século XIX, a Bolívia buscava ansiosamente uma alternativa para perda de seus territórios marítimos da costa do pacífico para o Chile, a fim de ter como escoar sua produção para os países compradores. No noroeste boliviano, o rio Madeira era uma alternativa que já estava sendo usada como corredor de importação e exportação. Navegando pelos rios Bení e Madre de Dios, pertencentes ao território boliviano, a Guaporé e Mamoré, na fronteira desse país com o Brasil atingia-se o rio madeira e, superando seu trecho encachoeirado, navegava-se em direção ao rio Amazonas e daí ao Oceano Atlântico.

O rio madeira, que possui um trecho encachoeirado, ocasionava sérios desperdícios humanos e de materiais, a alternativa para esse trecho não favorável a navegação seria a construção de uma estrada de ferro que ligasse o vale dos rios Mamoré e Madeira, daí em diante navegar-se-ia até os portos de Manaus e Belém, que possuem navegabilidade para o oceano atlântico.

Os conflitos entre brasileiros e bolivianos, movidos pela ocupação de terras do vale do Juruá (1899 a 1902), região riquíssima em recursos naturais e grande produtora de borracha, levou Brasil e Bolívia a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903, que fechou definitivamente a compra de parte do território boliviano pelo Brasil, a região hoje do estado do Acre, na época por dois milhões de libras esterlinas. Essa aquisição reascendeu novamente a necessidade de se criar um corredor exportador da produção do recente território, anexado pelo Brasil.

De conformidade com Teixeira (2002, p.138).

A questão do Acre (1899-1902), que foi resolvida com a assinatura do Tratado de Petrópolis, entre Brasil e Bolívia em

17.11.1903, retornou á discussão sobre a viabilização da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. As obras foram reiniciadas em 1907, após a concessão para a construção da ferrovia, ter sido vendida pelo engenheiro Joaquim Catramby para o norte-americano Percival Farquhar, que fundou a Madeira-Mamoré Railway Co. subsidiária da Brasil Railway Co. Em 1907 chega a Santo Antônio a empreiteira May, Jekyll & Randolph Co.Ltd. que deu início as obras concluindo-as em 1912.

Vários foram os infortúnios que ladeavam a construção da estrada de ferro, que ligaria o vale do rio Mamoré região fronteiriça com a Bolívia e hoje região onde fica localizado o município de Guajará-Mirim ao vale do rio Madeira, inúmeros obstáculos para a construção da ferrovia.

Segundo Teixeira (2002, p. 139).

Na Amazônia do auge do ciclo da borracha, todo o insuficiente volume de mão-de-obra da borracha estava alocado na produção do látex. A expansão das zonas de produção era abastecida pela exploração do silvícola e pelo aliciamento de mão-de-obra em outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste que, na Amazônia, preso ao endividamento, se via impossibilitado de escolher outra ocupação.

Nesse período, o Brasil já era um importante exportador de matérias primas e, dentre esses produtos, destacava-se o látex. A construção da estrada de ferro seria um grande avanço. não só pelo motivo óbvio comercial, mas também por que tornaria o território propenso a novos projetos de ocupação e de exploração de recursos naturais.

Conforme Teixeira (2002, p.142).

Em meio à euforia da borracha contingentes de operários construíram um dos maiores marcos da modernidade da Amazônia. A lendária Madeira-Mamoré, que interligava os trechos encachoeirados do Madeira e Mamoré, deveria ser um símbolo. Como apresentação máxima da tecnologia e da civilização, ela deveria estabelecer e viabilizar as práticas do capitalismo nos ermos do extremo sertão oeste, em pleno mundo encharcado da Amazônia. Palco de um espetáculo audacioso e ao mesmo tempo trágico, os trilhos da E.F.M.M. repousam sobre as vidas de

milhares de operários que em suas obras vieram trabalhar.

Inúmeras eram as dificuldades para se concretizar o projeto de construção da ferrovia, deles conforme se relata incessantemente, a falta de mão-de-obra levou as companhias a recrutarem milhares de trabalhadores, tanto brasileiros como estrangeiros. Inicialmente pretendia-se construir o canteiro de obras na cachoeira de Santo Antônio, mas devido a dificuldades de se construir instalações que abrigassem os operários, preferiram instalar o pátio de operações a sete quilômetros abaixo da cachoeira, fato esse que ocasionaria na fundação do município de Porto Velho, cuja emancipação dar-se-ia em 02 de outubro, do ano de 1914.

De acordo com Teixeira (2002, p. 142).

A origem, portanto, da cidade de Porto Velho está em um empreendimento industrial, de grande vulto para a época e espantoso pela dificuldade de sua execução. Contudo, essa origem detém certa singularidade: a companhia quando para esse local se transferiu, encontrou apenas a mata e, assim, construiu uma verdadeira cidade. Além das edificações de uso propriamente industrial foram construídas residências, alojamentos, usina de geração de eletricidade. Sistema de telefonia, captação de água, hospital, porto fluvial, armazém para abastecimento dos funcionários, lavanderia e até uma fábrica de biscoitos e outra de gelo.

A construção da ferrovia atrelada a outro fato é preponderante e não menos marcante da história do estado de Rondônia, foi à construção das linhas telegráficas, a cargo da comissão Rondon. Segundo Teixeira (2002, p. 146), “A abertura da linha telegráfica que ligaria os sertões de Mato Grosso ao Amazonas, foi uma obra de grandes proporções que se destinava a tirar do isolamento as regiões do extremo oeste e norte do país”. Um dos maiores legados deixados pelos trabalhos da comissão Rondon foi a trilha da BR 029, hoje denominada BR 364, que nos dias atuais é um importante corredor exportador de grãos do centro-oeste amazônico. A elevação da região em Território Federal vem acompanhada com a crise da borracha, provocada pela concorrência do mercado malásio, que culminou com o abandono da E.F.M.M. A evolução a território ocorreu por força do Decreto Lei n.º 5.812 de 13 de Setembro de 1943.

Conforme Oliveira (2003, p. 75).

O Território Federal do Guaporé foi criado com áreas desmembradas dos estados de Mato Grosso e Amazonas. A Divisa do território foi definida no mesmo ano pelo Decreto Lei n.º 5.839, de 21 de setembro. O território ficou dividido em Quatro municípios, Guajará-Mirim e Santo Antônio do Alto Madeira, que já viam Sido desmembrados do estado do Mato Grosso, Porto Velho Lábrea, desmembrados do estado do Amazonas, parte dos municípios de Humaitá e Camutama, do estado do Amazonas, e do município de Mato Grosso (atual Vila Bela) no estado de Mato Grosso integravam a área do Território Federal do Guaporé.

Após a criação do território, a região pouco de desenvolveu, os relatos dão conta de apenas duas cidades Porto Velho e Guajará-Mirim, esse fato é preponderante visto que a migração da década de setenta tinha como um de seus fundamentos, a extração das riquezas naturais da região. Os que habitavam o território em sua maioria eram seringueiros, extratores e mineradores, que viram suas atividades econômicas serem suplantadas. O Projeto de colonização do ainda Território Federal do Guaporé como sendo a nova fronteira a ser desbravada para a agricultura e a agropecuária foi implantado pelo INCRA, que atraiu inúmeros contingentes populacionais, principalmente das regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil.

Segundo Teixeira (2002, p. 179).

Em 17 de agosto de 1981, foi encaminhado pelo Presidente da República João Batista de Figueiredo, ao Congresso Nacional, o projeto de lei Complementar n.º 221, que foi aprovado em primeira discussão em 16 de dezembro do mesmo ano é já em 22 de dezembro, foi aprovado a Lei Complementar n.º 41 que criava o Estado de Rondônia. A Instalação deu-se em Quatro de janeiro de 1982, sendo nomeado, então o Coronel Jorge Teixeira como seu primeiro Governador. A posse do governo deu-se no mesmo dia e diante seus principais atos destacam-se a estruturação do judiciário e a criação do Tribunal de Contas do Estado de Rondônia. Em Sete de junho de 1983, foi aprovada pela comissão de revisão constitucional da Assembléia Estadual de Rondônia a Constituição do Estado.

Metodologia da Pesquisa.

A História de Rondônia está intrinsecamente atrelada a fatos econômicos marcantes para o desenvolvimento econômico da região amazônica e para a construção do estado, sua história e seu crescimento econômico são objetos de estudo desse trabalho, que por meio de uma análise desses fatos e do seu produto interno bruto, ao longo do tempo buscará elucidar os pontos significativos da sua economia.

Essa pesquisa está centrada na pesquisa bibliográfica, que por Furaste (2006, p. 33) “Baseia-se fundamentalmente no manuseio de obras literárias, quer impressas, quer capturadas via internet. É o tipo mais largamente utilizado. Quando mais completas e abrangentes forem as fontes bibliográficas consultadas, mais rica e profunda será a pesquisa”. O foco dessa pesquisa é justamente aprofundar-se na história da construção e de como foi se consolidando sua economia, desde o período colônia, elencando quais os fatos significativos que alavancaram o desenvolvimento do estado.

A pesquisa descritiva, por Furaste (2006, p. 38) “Observam-se, descrevem-se, analisam-se, classificam-se e registram-se fatos sem qualquer tipo de interferência”. Faz-se necessário analisar os aspectos históricos que economicamente marcaram e elevaram à criação do Território Federal do Guaporé, quais os fundamentos econômicos que se desenvolviam nesse período. Para que anos após fosse criada a emancipação, ao que é hoje o Estado de Rondônia.

Revisão da Literatura

Para entendermos a colonização e a formação do processo econômico do estado de Rondônia faz-se oportuno refletir sobre a economia da época, conforme Furtado (1998, p. 129), “A Base da economia da bacia amazônica eram sempre as mesmas especiarias extraídas da floresta que haviam tornado possível a penetração jesuítica na extensa região”.

Contudo, todas as dificuldades eram superadas, sobretudo pela pressão internacional, pela exploração das riquezas naturais da Amazônia, conforme Furtado (1998, p. 130) “A borracha estava destinada, nos fins do século XIX e começo do atual, a transformar-se na matéria-prima de procura em mais rápida expansão no mercado mundial”. A demanda pelo ouro branco provocaria as primeiras inserções no oeste amazônico, na tentativa de se estabelecer a extração da borracha, produto encontrado em abundância no oeste amazônico.

A primeira revolução industrial traria a imediata demanda por matérias primas em abundância.

Segundo Furtado (1998, p. 130).

Assim como a indústria têxtil caracterizara a revolução industrial de fins do século XVIII e a construção das estradas de ferro os decênios da metade do século seguinte, a indústria de veículos terrestres a motor de combustão interna será o principal fator dinâmico das economias industrializadas, durante o largo período que compreende o último decênio do século passado e os três primeiros presentes.

Ainda Furtado (1998, p. 130) “Sendo a borracha um produto “extrativo” e estando o estoque de árvores então existentes concentrado na bacia amazônica, o problema de como aumentar sua produção para atender a uma procura mundial crescente se afigura extremamente difícil”. A região era inóspita e os meios de transporte limitavam-se basicamente ao fluvial, e o maior desafio encontrado em curto prazo era como aumentar a produção da borracha em um curto prazo, em face de crescente demanda pelo produto.

Conforme Furtado (1998, p. 131).

Ainda mais do que o café, a expansão da produção de borracha na Amazônia era uma questão de suprimento de mão-de-obra. Se bem que as possibilidades de incremento não fossem muito grandes, as exportações de borracha extrativa brasileira subiram da média de 6.000 toneladas nos anos setenta, para 11.000 nos oitenta, 21.000 nos noventa e 35.000 no primeiro decênio desse século. Esse aumento da produção deveu-se exclusivamente ao influxo de mão-de-obra, pois os métodos de produção em nada se modificaram. Os dados disponíveis com respeito ao fluxo migratório para a região amazônica, durante essa etapa, são precários e se referem quase exclusivamente aos embarques em alguns portos nordestinos.

O país só conseguiria suprir a demanda do mercado pelo ouro branco, se encontrasse rapidamente uma solução para o problema da mão-de-obra. Assim Furtado (1998, p. 134) “Os planos do imigrante nordestino que seguia para a Amazônia, seduzido pela propaganda fantasista dos agentes pagos pelos interesses da borracha, ou pelo exemplo das poucas pessoas afortunadas que regressavam com recursos, baseavam-se nos

preços que o produto havia alcançado em suas melhores etapas”.

A década de setenta é marcada pela desativação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e pelo fim do ciclo de extração da borracha, ocasionado pela forte concorrência do produto Malásio. O Território Federal do Guaporé possuía aproximadamente setenta mil habitantes e via nascer a extração da cassiterita, que intensificava na região de Ariquemes. Essas atividades elevaram à época o estado à categoria de maior produtor nacional do minério.

Conforme Oliveira (2003, p. 70).

Nos idos de 1974, o Brasil ainda importava estanho para atender sua demanda industrial. Mas, a partir de 1975, atinge autossuficiência. Em 1983, Rondônia perde sua colocação de maior produtor nacional para o município de Presidente Figueiredo, no estado do Amazonas, porém, em meados de 1987, com a descoberta de cassiterita ao longo do rio Santa Cruz, afluente do rio Candeias, no município de Ariquemes, onde se formou o garimpo Bom Futuro, Rondônia volta a ser o maior produtor nacional de estanho-cassiterita. Apesar das controvérsias existentes entre a cooperativa dos garimpos e a MS Mineração S/A. No ano de 1988, o Brasil passou a ser o primeiro produtor mundial de estanho.

Ao Final da década de 1970 e início da década de 1980, à margens do rio madeira foi intensificada a atividade da garimpagem de ouro, no trecho compreendido entre os municípios de Guajará-Mirim e Porto Velho, coincidentemente ladeado pelos trilhos da já dilapidada Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Conforme Oliveira (2003, p. 71).

A corrida pelo ouro existente na história de Rondônia vem desde o século XVII. Afinal, os sertanistas que percorriam a região com intuito de aprisionar índios, visavam extração do ouro. No entanto, a verdadeira corrida do ouro iniciou-se nos idos de 1978, momento em que ocorre a substituição da extração rudimentar pela mecanizada. Na década de 80, século XX, com a descoberta da existência de ouro no leito do rio Madeira, no trecho

entre as cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, Rondônia passa a viver o seu apogeu na extração do ouro. Foi nessa década que o Ministério de Minas e Energia, visando a regularização do garimpo, criou a Reserva Garimpeira do Rio Madeira, cuja área aproximada era de 192 Km², tendo como limite as cachoeiras do Paredão e Teotônio. Além da área da reserva surgiram vários garimpos, como o da Penha, Taquaras, Araras, Periquitos etc.

Na década de 80, o estado teve o seu maior fluxo migratório, que coincidiu com a política nacional de colonização do oeste amazônico, o programa reproduzia que Rondônia era a nova fronteira agrícola. Assim o estado passava a ter uma ocupação acelerada de mão-de-obra ociosa, oriunda de todo o país, principalmente das regiões sul e sudeste.

Conforme Teixeira (2001, p. 179).

Novos núcleos de colonização surgem ao longo da BR 364 e também das estradas vicinais que partiam da BR 364 para áreas interioranas do Território. Paralelamente ao crescimento das receitas e da economia em geral. A Agricultura desenvolvia ao longo da BR 364 apresentava Rondônia nos noticiários nacionais como um novo celeiro do Brasil. A pecuária bovina ganhava impulso e consideráveis áreas de floresta eram devastadas para formação de pastos e em benefício de indústria Madeireira.

Os agricultores introduziram no estado monoculturas, as quais já estavam habituadas a trabalhar, o café foi a principal delas, a pecuária de corte e a cadeia produtiva do leite ampliaram seus espaços, instalou-se fortemente a indústria da madeira, atraída pela vasta abundância de matéria-prima. O estado desenvolve um perfil econômico centrado fortemente na exportação de madeira bruta, da carne bovina e seus derivados e de monocultura, que se adaptaram rapidamente ao solo e ao clima amazônico, tais como, cacau e café.

Considerações Finais

A História da economia do estado esteve estreitamente vinculada à exploração de suas riquezas naturais. A revolução industrial, no século XIX, demandou ao mercado internacional a procura pela borracha, fato esse que incentivou a procura do produto na selva amazônica, o que fez

da região a maior produtora de látex da época. O conflito entre Bolívia e Chile na disputa pela saída para o Pacífico, rendeu ao Brasil o compromisso da construção de uma estrada de ferro, que permitisse o acesso da Bolívia ao rio Madeira, com saída para o rio Amazonas e o Oceano Atlântico, começavam os esforços para a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Após o declínio da borracha, o estado passou por um período de isolamento, o que resultou na implantação da rede telegráfica que interligaria o oeste amazônico a parte do país mais habitada, parte da região atingida por essa rede daria origem ao Território Federal do Guaporé. Sua construção utilizou mão-de-obra do sul do país. Foram esses imigrantes que, somados aos migrantes eventuais, criaram povoados nas localidades aonde os postos dos telégrafos iam sendo implantados, assim ocorreu o processo da ocupação do Território.

Um novo ciclo econômico veio gerar efeitos capazes de provocar transformações substanciais na região. Nasce o ciclo extrativista, surgem os garimpos de cassiterita no estado, dando início ao extrativismo mineral, sob o regime de garimpo. O fato da a atividade garimpeira ser manual gerou uma grande demanda de mão-de-obra, absorvendo a população economicamente ativa da época, além de permitir o fortalecimento do comércio, de serviços e de algumas ramificações industriais. O estado beneficiou dos agregados populacionais de todos os ciclos anteriores. Surgiu o ciclo agrícola que iria identificar o estado com uma de suas matrizes econômicas mais importantes e começaria a transformar seu perfil comercial e econômico. Essa época foi caracterizada pela presença maciça e investimentos federais nos projetos de colonização, com a intensificação do fluxo migratório de agricultores.

Pode-se afirmar que a extração de cassiterita ensejou os primeiros movimentos de industrialização do estado, com características ainda próximas da garimpagem, O surgimento, da indústria madeireira, que é nos dias atuais uma das atividades industrializadas no estado. Não diferente desse fato, os segmentos, da construção civil, capitalizaram uma importância na fundamental da formação do perfil do desenvolvimento industrial do estado. Em maior ou menor grau sobre determinados segmentos, o que se observa aqui é a tentativa de diversificação das atividades do setor e a ampliação do beneficiamento e transformação das matérias-primas locais, fato este facilmente comprovado quando se observa a participação do segmento agroindustrial, principalmente do ramo de alimentos.

A Industrialização do estado se fundamentou em alguns aspectos econômicos históricos das atividades ao longo de sua história, enraizadas no seu perfil produtivo extrativista, o surgimento da industrialização do estado, este ligado ao fortalecimento da atividade agrícola, madeireira e do agronegócio, fornecedores de matéria-prima para as indústrias do estado. Ao longo de sua formação, a atividade industrial encontrava suas limitações na carência de infraestrutura, que dificultava seu crescimento e diversificação do perfil industrial do estado. A atividade industrial ganha peso considerável nas exportações e conseqüentemente nos dados do crescimento econômico do estado, apresentando índices de crescimento econômicos ligados á atividade industrial.

Referências Bibliográficas.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para trabalho Científico: Elaboração e Formatação. Explicitação das Normas da ABNT.** 14ª Ed. Porto Alegre: s/nº 2006.

TEIXEIRA, Marcos Antônio Domingues, DANTE Ribeiro da Fonseca. **História Regional Rondônia.** 2ª Ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio. **História Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia.** 5ª Ed. Porto Velho: 2004.

FURTADO, Celso, **Formação Econômica do Brasil.** 2ª Ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1998.

WWW.seplan.ro.gov.br

WWW.lbge.gov.br

WWW.sefin.ro.gov.br

Federação da Indústria do Estado de Rondônia. **Perfil Socioeconômico e Industrial do Estado de Rondônia.** Porto Velho, 1997.

FIERO.SEBRAE/RO. Rondônia: **Perfil Socioeconômico Industrial.** Porto Velho, 2003.